

**A CONSTRUÇÃO DA IMAGEM DE ROQUE GONZÁLES DE SANTA
CRUZ A PARTIR DO OLHAR DE OUTROS JESUÍTAS: CARLOS
TESCHAUER E LUÍS GONZAGA JAEGER, SÉCULO XX**

**THE IMAGE CONSTRUCCION OF PRIEST ROQUE GONZALES DE SANTA
CRUZ FROM THE LOOK OF OTHER JESUITES: CARLOS TESCHAUER AND
LUIS GONZAGA JAEGER, 20TH CENTURY**

**LA CONSTRUCCIÓN DE LA IMAGEN DEL PADRE ROQUE GONZÁLEZ DE
SANTA CRUZ DESDE LA MIRADA DE OUTROS JESUÍTAS: CARLOS
TESCHAUER Y LUÍS GONZAGA JAEGER, SIGLO XX**

Jefferson Aldemir Nunesⁱ

Resumo: O presente trabalho objetiva a elaboração de uma ideia preliminar sobre a construção da imagem do jesuíta Roque Gonzáles de Santa Cruz, a partir dos escritos de outros inicianos que se debruçaram sobre sua história (como Jaeger e Teschauer). A metodologia empregada é a revisão bibliográfica, e conta com a fundamentação de outros estudiosos que trabalharam o tema, como Paulo Rogério de Oliveira. Os resultados apontam para uma forma semelhante no tratamento da história de Roque Gonzáles, laudatória e sempre preocupada com a edificação a partir de sua trajetória de vida.

Palavras-Chave: Hagiografia. Roque Gonzáles. Trajetória.

Abstract: This paper aims to elaborate a preliminary idea about the construction of the image of the Jesuit Roque Gonzáles de Santa Cruz, based on the writings of other Ignatians who have studied his history (such as Jaeger and Teschauer). The methodology used is the bibliographic review, and has the support of other scholars who worked on the theme, such as Paulo Rogério de Oliveira. The results point to a similar way in the treatment of the history of Roque Gonzáles, which is laudatory and always concerned with building from his life trajectory.

Keywords: Hagiography. Roque Gonzales. Trajectory.

Resumen: El presente trabajo pretende elaborar una idea preliminar sobre la construcción de la imagen del jesuita Roque Gonzáles de Santa Cruz, a partir de los escritos de otros ignacianos que han estudiado su historia (como Jaeger y Teschauer). La metodología utilizada es la revisión bibliográfica, y cuenta con el apoyo de otros académicos que trabajaron en el tema, como Paulo Rogério de Oliveira. Los resultados apuntan a una forma similar en el

tratamiento de la historia de Roque Gonzáles, que es laudatorio y siempre preocupado por construir a partir de su trayectoria vital.

Palabras-clave: Hagiografía. Roque González. Trayectoria.

Introdução

Roque Gonzáles de Santa Cruz, *criollo* nascido em 1576 em Assunção (atual Paraguai); e martirizado em 1628 em Caibaté (atual Rio Grande do Sul), foi um dos primeiros jesuítas a avançar para o sertão americano e a entrar em contato com populações indígenas afastadas dos assentamentos europeus nascentes. Seu importante trabalho missionário, aliado à sua trágica morte, diante do cacique Nheçú (quando seu coração foi arrancado e queimado no fogo, permanecendo como relíquia sagrada enviada para Roma), foi fundamental para a criação de uma imagem de santidade.

A Igreja Católica utilizou sua trajetória como modelo exemplar de santidade, beatificando Gonzáles e seus companheiros Afonso Rodrigues e João de Castillo em 1934, e canonizando-os em 1988, totalizando 360 anos de processo. Sua figura até a atualidade desperta a veneração de muitos fiéis em santuários, e em torno de seu coração (levado, após o martírio, para o Vaticano, e atualmente alocado em Assunção, Paraguai).

Ao longo do tempo, muitos foram os trabalhos que narraram e refletiram sobre sua vida e martírio. A maioria desses textos teve caráter edificante, e foram escritos por outros clérigos, apresentando um perfil uniforme e padronizado de sua figura a um modelo teleológico e predestinada aos seus feitos missionários. O presente trabalho, portanto, objetiva a elaboração de uma ideia preliminar sobre a construção da imagem do jesuíta Roque Gonzáles de Santa Cruz, a partir dos escritos de outros inicianos que se debruçaram sobre sua história, focando em Carlos Teschauer e Luís Gonzaga Jaeger.

A metodologia empregada é a revisão bibliográfica, com o enquadramento dos textos de Teschauer e Jaeger em um modelo hagiográfico, e conta com a aproximação de estudos mais recentes que trabalharam o tema, de Paulo Rogério Oliveira (2010, 2014, 2018), e de análises sobre biografias e hagiografias, como de Bourdieu (2006), Certeau (1982), Dosse (2020) e Levi (2006). Os resultados apontam para uma forma semelhante no tratamento da história de Roque Gonzáles, laudatória e sempre preocupada com a edificação a partir de sua trajetória de vida, e como o modo de escrita de Teschauer e Jaeger foi permeado por uma série de alterações na forma de narrar a vida de santos ao longo do tempo.

Os construtores da imagem de Roque Gonzáles

O traumático martírio de Roque Gonzáles e companheiros gerou, logo após suas mortes, a busca de depoimentos e manuscritos que fundamentassem e possibilitassem a abertura de um processo de canonização. Os esforços geraram uma grande quantidade de documentação que seria usada para começar os trâmites, em Roma, para a santificação. Embora o processo tenha se arrastado por 360 anos (da morte, em 1628, até a canonização, em 1988, por João Paulo II), a imagem de Gonzáles foi veiculada em diferentes textos ao longo do tempo, com citações ao seu importante papel missionário para a formação das Missões Jesuíticas hispânicas. Trabalhos de fôlego sobre a vida dele, porém, só apareceriam no século XX, após a documentação do processo (que havia sumido do Vaticano) ser encontrada no Arquivo Nacional da Argentina (OLIVEIRA, 2014, p. 125).

Dentre os autores jesuítas que se apropriaram da trajetória de Roque Gonzáles em escritos desse período, alguns dos mais destacados foram José María Blanco (1929), Luiz Gonzaga Jaeger (1940, 1952), Clement James McNaspy (1989), Rafael Carbonell de Masy (1994/1996, 1998), Carlos Teschauer (1909, 1918, 1919), Angel N. Acha Duarte *et al.* (1978), e Arnaldo Bruxel (1977). Cada um desses autores, escrevendo em diferentes momentos do século XX, se dedicou a construir textos sobre a trajetória de vida de Gonzáles, e a popularizar sua história para um público mais amplo.

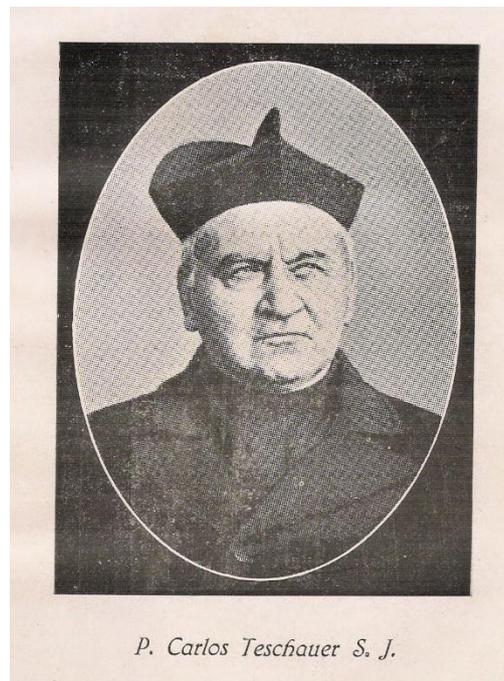
José María Blanco, especificadamente, reuniu toda a documentação até então disponível (no início do século XX), sobre Gonzáles e suas relações, visando a fundamentação documental para sua beatificação e a de seus companheiros. Esses documentos foram utilizados pela Congregação para a Causa dos Santos (então Sagrada Congregação dos Ritos), para compor o texto apresentado para a efetivação do processo que tornou os três mártires beatos, publicado em 1932 (RITI, 1932).

Dentre os outros estudiosos citados, dois autores fundamentais para conhecer a vida de Gonzáles são Carlos Teschauer e Luiz Gonzaga Jaeger. Nomes tradicionais da historiografia riograndense do século XX, são jesuítas lembrados pela dedicação à História das Missões e do Rio Grande do Sul, além da popularização de muitos tópicos científicos para um público mais amplo. Por isso, para analisar a forma como esses dois autores pensaram a

vida de Gonzáles, é interessante conhecer suas próprias trajetórias, já que influenciaram na maneira como escreveram e pensaram as missões jesuíticas e o martirizado do Caaró.

Carlos Teschauer (Imagem 1), nascido em 1851 em Bernstein (no então Grão-ducado de Hesse, hoje Alemanha), e falecido em 1930 em São Leopoldo (Rio Grande do Sul), foi um padre jesuíta, professor e historiador importante para a história do Rio Grande do Sul. Tendo formação na Alemanha, Holanda e Inglaterra, chegou ao Brasil em 1880, atuando como pároco ou coadjutor em municípios como São Sebastião do Caí, Montenegro e São Leopoldo, além de exercer funções em Porto Alegre. Fez visitas pastorais por todo o Rio Grande do Sul (muitas delas a cavalo), Rio de Janeiro, Santa Catarina e Argentina, fundando uma casa jesuítica e auxiliando de várias formas em muitos locais e instituições diferentes, além de realizar visitas a arquivos em muitos outros locais, do Chile ao Paraguai e da Espanha ao Vaticano (CIBILS, 2015?; TORRES, 1998).

Imagem 1 – Padre Carlos Teschauer, S.J., 1851-1930.



Fonte: <<https://cutt.ly/Mgnpy3C>>.

Sua maior contribuição para o tema que me interessa, porém, foi no campo das ideias. Sendo, durante muitos anos, sócio do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo (IHGSP), e do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB), foi um dos sócios

fundadores do atual Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul (IHGRGS), mantendo uma produção intelectual expressiva, debatendo sobre a História, Etnologia, Geografia, flora e fauna, Folclore e linguística do Rio Grande do Sul.

A sua obra magna foi “História do Rio Grande do Sul dos dois primeiros Séculos”, publicado em três volumes entre 1918 e 1922, que representou um avanço para os estudos da área, pela inserção das missões jesuíticas dentro da historiografia rio-grandense (debate, assim, sobre a validade da incorporação do fenômeno missionário no processo de formação da cultura do Rio Grande do Sul), e pelo rigor na análise de documentação primária (CIBILS, 2015?; TORRES, 1998, p. 21).

Sua defesa da importância missionária e crítica aos ataques antijesuíticos estava justificada, pelo próprio Teschauer, na busca da “verdade dos documentos”, acusando os historiadores que criticavam a Companhia de Jesus de tentar criar um império teocrático na América de intelectuais que vendiam romance por História (TORRES, 1998, p. 22). A posição profissional de Teschauer foi definida por ele mesmo da seguinte maneira:

Os princípios e normas que presidiram este trabalho são os da rigorosa crítica histórica moderna e de imperturbável imparcialidade, tendo sempre por norte a lei suprema, recomendada por Leão XIII aos historiadores a quem sem diferença de credo generosamente franqueou os arquivos do Vaticano. A primeira lei da história é que não ouse dizer coisa falsa, a segunda que tenha a coragem de dizer a verdade inteira (TESCHAUER, 1918, p. VII).

Percebe-se, então, a busca de uma visão objetiva e imparcial, tributária de um pensamento positivista de cientificidade. Como bem aponta Torres (1998, p. 22-23), essa premissa e intenção de Teschauer não se sustentam ao analisar seus escritos. O que aparece na redação destes é a seleção de trechos e elevação de personagens que amparem a valorização do projeto missionário, e do papel dos jesuítas (e da Coroa espanhola) para a civilização dos indígenas e colonos na Província jesuítica do Paraguai. Isso estaria de acordo com uma tentativa de classificar todas as ações da Companhia de Jesus como em consonância com as leis e decisões do monarca espanhol, retirando deles o estigma clássico de insubordinação e tentativa de impedir o cumprimento do Tratado de Madri, que gerou a Guerra Guaranítica (1753-1756), e foi usado por toda a literatura antijesuítica para atacar a Ordem.

Um último ponto importante a ser destacado é o papel central ocupado por alguns atores nos escritos de Teschauer, que seriam movidos por inspiração divina para a cristianização e civilização da massa indígena pagã, e reforma dos costumes dos colonos. A

busca de uma sociedade cristã, portanto, estaria no centro da atividade missionária, e seus agentes seriam veículos da graça divina.

Essa centralidade dada a figuras como o governador Hernando Arias de Saavedra (mais conhecido como Hernandarias), e a padres como Roque Gonzáles reforça ideais de heroísmo e abnegação frente às imensas dificuldades encontradas para o trabalho entre os indígenas, e demonstra a enorme virtude daqueles que enfrentaram adversidades hercúleas de toda ordem para espalhar a palavra de Deus (TORRES, 1998, p. 24). Isso permite ter uma ideia inicial da forma como Teschauer pensou a atuação missionária de Roque Gonzáles e companheiros, como se verá adiante.

Luiz Gonzaga Jaeger (Imagem 2), por sua vez, nasceu em 1889 em Bom Jardim (atual Ivoti, Rio Grande do Sul), falecendo em Porto Alegre em 1963. Padre jesuíta, professor e historiador, iniciou os estudos no Seminário Menor São José, de Pareci Novo, partindo para a Europa em 1909, onde passou por diversos locais como Portugal (onde ingressou na Companhia de Jesus), Holanda e Saxônia (atual Alemanha), enfrentando uma prisão por envolvimento político, que lhe legaram um problema de tuberculose que atrasou seus estudos em 10 anos, sendo necessário uma longa recuperação nas altitudes da Colômbia; antes de ser ordenado sacerdote em São Leopoldo em 1922. Em 1924 seria designado para o Colégio Anchieta, em Porto Alegre, onde trabalharia como secretário e professor (além de outras funções) até sua morte (POPPINO, 1965, p. 99; LEITE, 2014, p. 175).

Imagem 2 – Padre Luiz Gonzaga Jaeger, S.J., 1889-1963



Fonte: <<https://cutt.ly/Mgnpy3C>>.

Assim como Teschauer, Jaeger é conhecido por sua dedicação à pesquisa histórica e participação no IHGRGS. Embora sem formação na área, se dedicou aos estudos da História rio-grandense, especialmente do período missioneiro. Sendo um dos fundadores do Instituto Anchietano de Pesquisas (IAP) em 1956, e cuidando das publicações históricas da instituição, se dedicou a vários periódicos dos jesuítas, e ao lançamento de outros, como o “Notícias para os Nossos Amigos”, em 1941; e a coleção Jesuítas no Sul do Brasil, publicada em seis volumes; contribuindo para a popularização de temas científicos entre os leigos, pelo contato próximo que sempre manteve com a comunidade. Tinha a intenção de produzir uma grande História da Província Sul-Brasileira, mas seus esforços foram impedidos por seu falecimento, em 1963. Os seus manuscritos inacabados seriam postumamente organizados e publicados por Arnaldo Bruxel (POPPINO, 1965, p. 99-100; LEITE, 2014, p. 175-176).

Ponto importante para a presente pesquisa é que Jaeger foi um dos principais advogados para a causa de santidade de Roque Gonzáles e companheiros, publicando uma série de textos onde discutiu não só a vida do então candidato, mas, também, buscando clarificar questões até então obscuras, como o local do martírio do santo. Seu trabalho, cruzando mapas e documentos e realizando escavações arqueológicas (em um modo ainda bastante amador e sem a cientificidade que esses trabalhos alcançariam pós década de 60), foi o responsável pela definição do local onde teria ocorrido a morte de Gonzáles, o que permitiu a construção do Santuário do Caaró, que guarda parte da memória dos santos missioneiros.

De forma muito semelhante a Teschauer, Jaeger possui uma escrita condicionada por uma série de pressupostos tradicionais da Companhia de Jesus, valorizando a herança missioneira para o nascimento da história e sociedade rio-grandenses, defendendo o trabalho missionário dos padres, e elevando figuras chave nesse processo, como Roque Gonzáles. Dessa forma, percebo, por meio da breve exposição da vida dessas duas figuras consideradas basilares para a historiografia do Rio Grande do Sul, pontos importantes para analisar seus escritos sobre Gonzáles, e como a formação clássica que tiveram marcou a forma como construíram a imagem do martirizado do Caaró.

Em busca de uma perspectiva hagiográfica e da biografia tradicional

Após a consideração de dois dos principais nomes por trás da hagiografia de Roque Gonzáles nas primeiras décadas do século XX (Teschauer, que foi o primeiro hagiógrafo de

Gonzáles; e Jaeger, que foi um dos principais promotores de sua causa de santidade, e para a formação de um grupo de pressão que motivasse a retomada do processo na Congregação para a Causa dos Santos [então conhecida como Congregação dos Ritos]), é possível pensar na forma que a imagem de Gonzáles foi apresentada nesses escritos, e a intencionalidade por trás de sua escrita.

Apesar de terem sido escritos em décadas diferentes do século XX, os trabalhos de ambos os autores apresentam esquemas discursivos muito semelhantes. A vida de Gonzáles é sempre definida de forma bastante linear, sem grandes contradições ou movimentos de contestação de sua imagem martirizada. Sua predestinação para a santidade é ressaltada em vários momentos, e os textos sempre mostram uma alma abençoada por deus e aberta para os desígnios divinos, com todas as suas ações movidas para o momento culminante em que seu sangue é derramado em nome da defesa da fé. Um exemplo é o trecho abaixo, retirado de uma pequena biografia escrita por Teschauer (aparentemente um resumo de seu texto mais completo de 1909ⁱⁱ, e que tinha caráter pastoral mais acessível):

O menino Roque herdou, com a nobreza do sangue, a piedade de seus progenitores, e assim conservou sem mancha sua inocência, prodígio pouco menos que desconhecido no meio da dissolução e desenvoltura de costumes daqueles tempos coloniais entre bárbaros [...] Certo dia deram os pais com a falta do estremecido filho. Angustiadíssimos mandaram imediatamente gente à procura dele, receando muito da tenra idade do filho de apenas doze anos e dos perigos dos tigres e de outras feras. Depois de longos e desconsolados dias de pesquisa o encontraram, 15 leguas distante da cidade, no meio de denso matto, onde numa ermida estava com duas camaradas, a ler vidas de santos (TESCHAUER, 1919, p. 11-12).

Aqui, se percebe não só a predestinação para a santidade, mas a aproximação com a figura de Cristo, que, segundo a narrativa bíblica (BÍBLIA, Lucas, 2:41-52), teria fugido de seus pais e foi encontrado debatendo a Lei com os escribas, no Templo de Jerusalém, exatamente aos 12 anos. Desta forma, desde a infância a vida de Gonzáles já teria sido desenhada para seguir um roteiro pré-definido, de defesa da fé e busca de uma vida casta. Essa imagem é seguida, no texto de Teschauer, por uma visão bastante característica do trabalho missionário de Gonzáles:

Os vinte anos do seu lidar apostólico apresentam uma série ininterrupta de fadigas e sofrimentos e um exercício contínuo das mais abnegadas virtudes. Converto milhares de almas no Paraguai e Rio Grande, fundou nada menos de dez reduções, dando a estas e nestas às futuras, organização adaptada ao caráter e índole dos selvagens, no que foi imitado pelos seus sucessores [...] Sendo ele o primeiro que nas matas do Rio Grande do Sul abriu brecha à cultura cristã, merece com razão o título de primeiro civilizador e apóstolo desta parte da União Brasileira. De índole ao mesmo tempo austera e benigna, sabia tão bem temperar o rigor da autoridade com a condescendência de afeição doce, que a todos ganhava a afeição. Para vencer dificuldades e suportar fadigas por amor de Cristo, parecia de ferro. Sua abstinência

não se limitava ao deleitoso, passava ao necessário, sobretudo no que diz respeito ao somno e alimento. Não é, pois, de admirar que tanta virtude, merecendo-lhe o prêmio celeste, grangeasse também a veneração dos coevos e o assombro dos pósteros (TESCHAUER, 1909, p. 111-112).

Nesse trecho, uma série de importantes detalhes precisa ser destacada para perceber como a figura de Roque Gonzáles foi apropriada por Teschauer. Primeiro, a associação do trabalho missionário dele entre os indígenas como um longo período de provações e renúncias materiais e espirituais, que somente uma alma inspirada por deus poderia suportar. Segundo, a consideração do número de missões fundadas e a estimativa de indígenas convertidos por ele, apontando que seu esforço teria sido uma base sólida na qual todas as missões subsequentes (cujo exemplo mais lembrado é sempre o dos Sete Povos) iriam ser construídas e modeladas, respeitando as tradições nativas.

Terceiro, a intenção de tornar Gonzáles em um primeiro desbravador e colonizador das terras do sertão do Rio Grande do Sul, um dos heróis fundantes que teria iniciado a colonização e cristianização de um amplo espaço selvático e considerado incivilizado. Quarto, a personalidade dele, que misturaria a austeridade ante os vícios dos nativos e a amabilidade que conquistaria os corações e atrairia os que estavam sendo cristianizados. E, por último, e associado ao primeiro ponto, as dificuldades hercúleas enfrentadas durante o trabalho missionário, cuja forma de suportar de Gonzáles somente poderia ser feita por alguém acima da maioria dos homens.

Partindo para a análise da escrita de Jaeger, é interessante destacar, primeiramente, a disputa envolvida pela memória do martirizado. Nascido no Paraguai (então colônia da Coroa hispânica), Gonzáles realizou atividades missionárias nos territórios do Paraguai, Argentina, Uruguai e Brasil. Num contexto de construção da memória de um candidato à santidade, a pertença se torna muito importante, e, na escrita de Jaeger, a conexão entre o local de martírio e o santo são fundamentais:

Mas como os santos tiram ordinariamente os seus títulos do país que santificaram com os seus trabalhos ou que regaram com o seu sangue, ninguém por certo porá em dúvida que o nome de Mártires riograndenses lhes cabe com toda a justiça, porquanto o solo do extremo sul do Brasil lhes bebeu o sangue, e o Rio-Grande-do-Sul lhes conservou inolvidável memória e lhes ergueu o primeiro santuário nos pontos exatos em que tombaram, vitimados pelas armas dos guaranis gaúchos (JAEGER, 1952, p. 8.).

A partir desse trecho (e de outros), se percebe, em Jaeger, o que Paulo Oliveira (2010, p. 428) define como “mistura de hagiografia com laivos de regionalismo”, elevando a terra do Rio Grande do Sul como superior por ter sido o local onde o sangue dos mártires

verteu. O fato de muito do esforço para a retomada do processo de beatificação ter sido movido por jesuítas sediados no RS certamente influenciou nessa visão, e foi um dos entraves para o seguimento do processo, já que a definição de “mártires riograndenses” não corresponde ao desejo do Vaticano de canonizar aqueles que possam representar a fé cristã e servir como exemplo para os fiéis universalmente.

Seguindo, Jaeger apresenta um trecho com pontos interessantes para perceber como ele pensava Gonzáles e sua trajetória:

Singularidade análoga, na ordem moral, observamos na sociedade pútrida do Paraguai, durante o último quartel do 16º século, na qual nasceu, germinou e cresceu vicejante nenúfar, fidalga flor que perfumou com seu aroma não só aquele meio ambiente contemporâneo, senão ainda até ao dia de hoje continua enlevando com seu odor quantos dela se aproximam. Essa encantadora flor é Roque González de Santa Cruz (JAEGER, 1952, p. 26).

O que desponta nesse parágrafo (para além do tom poético e rebuscado) é a definição de uma sociedade repleta de pecados morais, onde a santidade era rara e difícil de ser praticada. A construção de um quadro social tão extremo funciona como contraste para elevar a figura de Gonzáles, ressaltando ainda mais sua excepcionalidade frente aos seus contemporâneos, e como apenas alguém inspirado por deus pode se sobressair ante um espaço moralmente doente, para servir como exemplo e guia espiritual. Isso se confirma, algumas páginas depois, quando Jaeger aponta que

Efectivamente, Nosso Senhor na sua amorosa e insondável providência destinara Roque para si, a fim de exaltá-lo entre os contemporâneos e pósteros como luzeiro e guia no escabroso e difícil caminho da salvação. A inocência baptismal, – a mais linda flor da juventude, a jóia de mais fino quilate da alma, – ele a cultivou com o máximo de cuidado e carinho inexcedível em toda a sua vida (JAEGER, 1952, p. 34)

Gonzáles ocupa, nessa perspectiva, o lugar de um escolhido de deus para levar adiante sua vontade, nascido predestinado para a santidade, cultivando vida virtuosa e casta (seguindo as virtudes da prudência, justiça, coragem e temperança), e dando exemplo aos contemporâneos e posteriores, que poderia ser emulado e seguido, mostrando a todos os desígnios divinos. Além disso, seu trabalho missionário, segundo Jaeger, seria reconhecido por seus pares, com Gonzáles sendo visto como capaz de realização de feitos importantes entre os indígenas, tanto que a Companhia abreviou seu período de estudos para enviá-lo a uma missão complicada entre os Guaicurú, em 1610 (JAEGER, 1952, p. 63).

Com esses pontos apresentados, é possível perceber a forma como Teschauer e Jaeger queriam eternizar o martirizado do Caaró. É uma escrita bastante semelhante, condicionada por uma série de diretrizes específicas, sempre laudatória e preocupada com a

edificação a partir de sua trajetória de vida. Seja a partir dos trabalhos mais densos, construídos para embasar sua beatificação, ou de textos escritos mais simples, com cunho pastoral, todos compartilham um estilo semelhante, baseado no enquadramento de Gonzáles em um modelo exemplar, que seria o arquétipo de um cristão ideal, e que deve inspirar o dia a dia dos fiéis, a partir da resiliência frente às dificuldades.

O martirizado, portanto, seria construído por uma série de pontos comuns nesses textos: predestinação, recusa dos prazeres do mundo, entrega absoluta à evangelização; destemor da morte; inimigos que nutriam verdadeiro ódio pela fé cristã, e “glorioso martírio” seguido de surpreendente “milagre” (o coração dele falar com os indígenas após ser arrancado de seu corpo e permanecer intacto). É uma espécie de receita e fórmula pronta, e, como aponta Oliveira,

Todos os ingredientes, não custa repeti-los, estão ali: nascimento nobre e infância casta, adolescência pura e dedicada a deus, retiros espirituais no ‘deserto’, recusa de honrarias e confortos, trabalhos apostólicos realizados heroicamente, uma vida cultivada com as mais nobres virtudes, uma legião de inimigos diabólicos e uma morte coroada pela graça do martírio em defesa unicamente da fé e da salvação do próximo (OLIVEIRA, 2010, p. 422).

Essa escrita apresentada por Teschauer e Jaeger está sedimentada em um estilo específico, o hagiográfico. Modelo de construção de biografias muito antigo, a hagiografia esteve presente na maior parte da elaboração da vida dos santos da Igreja Católica por muito tempo, sendo uma forma recorrente de narrar a trajetória de candidatos à santidade e de religiosos, e que traz reflexos na forma de pensar os virtuosos até a atualidade. Em geral, são textos com fundo moral, apresentando as virtudes como papel central da vida dos santos que estão biografando, e que podem servir como exemplo para os fiéis seguirem e praticarem melhor a vida cristã. Dessa forma, a

combinação dos atos, dos lugares e dos temas indica uma estrutura própria que se refere não essencialmente “àquilo que se passou”, como faz a história, mas “àquilo que é exemplar” [...] Cada vida de santo deve ser antes considerada como um sistema que organiza uma manifestação graças à combinação topológica de “virtudes” e de “milagres” (CERTEAU, 1982, p. 267).

Há, porém, nos textos de Teschauer e Jaeger, conexões importantes também com a biografia clássica, é interessante, aqui, evocar o clássico texto de Bourdieu sobre a ilusão biográfica, que trouxe questionamentos muito pertinentes sobre os rumos que a historiografia dava para as biografias individuais. Em geral, a historiografia clássica buscava trazer um todo “coerente e orientado” passível de ser apresentado e apreendido por uma “expressão unitária” de um projeto subjetivo e objetivo. Essa biografia estava organizada de forma cronológica,

com começo (a origem, ponto de partida não só do sujeito biografado, mas de sua “razão de ser” e “causa primeira”) até o seu fim, “que também é um objetivo” (BOURDIEU, 2006, p. 184). Aqui, percebe-se a ideia das hagiografias e biografias tradicionais de que uma vida possui uma sequência de fatos lógica e uniforme, capaz de ser percebida e narrada a partir de pressupostos específicos (no caso, a promoção de um candidato a santo).

Dessa forma, como bem apontou Dosse (2020, p. 7), a “biografia clássica apagava o sujeito por trás do personagem, elaborando um retrato uniforme possível de ser imitado, mas que diluía a personalidade e individualidade”. Por isso, as hagiografias clássicas eram escritas com intenção de ser uma fonte de inspiração para os fiéis, que, ao ler sobre a vida de um santo, encontrariam exemplos virtuosos para seguir e cumprir mais fielmente a vontade de deus no dia-a-dia.

Essas intencionalidades geravam distorções nas biografias, muitas vezes tentando encaixar os sujeitos em racionalidades anacrônicas e limitantes, analisando as vidas de forma cronológica e ordenada, com “personalidade coerente e estável, ações sem inércia e decisões sem incerteza”. Essa biografia pública, exemplar e moral, não teria recebido o questionamento progressivo, mas sofrendo flutuações ao longo do tempo, em confluência com as sucessivas crises da racionalidade, e nos embates teóricos entre indivíduo/estrutura-instituições (LEVI, 2006, p. 169-170).

O que desponta dessas considerações, portanto, é, para além das críticas ao estilo laudatório e limitado da biografia tradicional e da hagiografia, a percepção das alterações históricas sofridas por essa forma de escrita ao longo do tempo. Mesmo que não mudando substancialmente nas bases, ela sempre buscou incorporar novos elementos para continuar relevante e legítima. A partir de 1643, com a publicação da primeira edição da *Acta sanctorum* pelos jesuítas Bolland e Henskens, que introduziu críticas à hagiografia tradicional, se buscou introduzir no gênero uma crítica importante, com a

pesquisa sistemática em manuscritos, classificações das fontes, transformação do texto em documento, concessão de Privilégio “fato”, por minúsculo que fosse, passagem discreta da verdade dogmática para uma verdade histórica que tem o seu fim em si mesma, busca que já define, paradoxalmente, “não a descoberta do verdadeiro, mas a do falso” (CERTEAU, 1982, p. 268)

Isso é especialmente perceptível nos textos de Jaeger e Teschauer, que, nas palavras de Oliveira (2010, p. 426-427), são híbridos, ficando na fronteira entre o texto hagiográfico e o biográfico. Esses autores, ao se utilizarem da documentação levantada por Blanco para o

processo de beatificação no início do século XX, tiveram preocupação em utilizar trechos e dados históricos desses textos para dar legitimidade a sua escrita, e reforçar a ideia de um retrato de verdade histórica e cientificidade. Essa visão fica clara não só na citação de Teschauer apresentada na sessão anterior, mas, também, na introdução do livro de Jaeger sobre Gonzáles, onde o jesuíta afirma que

Se a obra que ora oferecemos ao leitor carece das qualidades que em biografias similares se requerem, duas pelo menos julgamos poder afixar que a distinguem: a de ser *completa* quanto à cópia de documentos até hoje descobertos e a de ser *exacta* na exibição dos factos históricos. Podem, pois, os amigos dos três mártires estar certos de que nada de importante ficou esquecido, bem como de que todas as afirmativas são abonadas por autoridades fidedignas (JAEGER, 1952, p. 6) [grifos no original].

Além do conteúdo expresso nesse trecho, o uso de destaque para as palavras “completa” e “exata” aponta a intenção do autor de reforçar a cientificidade da biografia apresentada, e sua conexão com a documentação mais recente, fornecendo apenas a “verdade” dos fatos ao leitor e copiando as informações sem distorções. Essa ideia confirma que os autores, apesar de apresentarem Gonzáles e companheiros de forma hagiográfica, reforçando a predestinação e as características excepcionais e virtuosas dos candidatos à santidade, tiveram a preocupação de fornecer embasamento documental para os trabalhos, o que poderia dar maior fidedignidade aos seus textos.

Isso se tornou cada vez mais necessário conforme o desenvolvimento do estatuto da ciência moderna, e, especialmente, após as Reformas Protestantes, que questionaram o próprio conceito da santidade católica, e a forma como as biografias de santos eram escritas, gerando a necessidade de adaptação narrativa daqueles que escreviam sobre santos ou candidatos à santidade.

Considerações Finais

A vida e, especialmente, o martírio de Roque Gonzáles de Santa Cruz foram narrados em uma série de textos diferentes desde 1628, mas trabalhos de maior fôlego centrados em sua figura somente apareceriam no século XX. Os jesuítas Carlos Teschauer e Luiz Gonzaga Jaeger foram dois dos nomes mais importantes nesse contexto, escrevendo biografias não só para lembrar a figura do martirizado, mas, também, para pressionar pela retomada e prosseguimento do processo de beatificação e canonização dele.

Carlos Teschauer considerou Roque Gonzáles o primeiro “apóstolo” e “protomártir” rio-grandense, além de fundador dos Sete Povos das Missões; sendo o primeiro hagiógrafo dele. Jaeger viu em González o “fundador”, o homem que com seu sangue “regou e fecundou a civilização rio-grandense” (JAEGER, 1940); e, como um dos principais advogados para a causa da santificação, procurou pelo local do martírio e ajudou na construção do culto popular em torno dessa figura.

A escrita de ambos os jesuítas, portanto, apesar de suas nuances, apresenta forma semelhante no tratamento da história de Roque Gonzáles, sendo laudatória e sempre preocupada com a edificação a partir de sua trajetória de vida, tentando construir um “modelo exemplar” e uma biografia arquetipo para mover beatificação. Esses textos misturam elementos históricos e hagiográficos, buscando cientificidade, tendo estrutura e intenção hagiográficas, mas legitimidade dada pela História.

O Gonzáles desses autores aparece com a santidade, predestinação e humanidade misturadas, e seus trabalhos representam o esforço dos clérigos gaúchos para mover processo, num claro regionalismo não disfarçado que buscava garantir a honra de ter um santo gaúcho. A efetivação da beatificação, em 1934, e da canonização, em 1988, ocorreu no contexto histórico-teológico de desburocratização do processo de santidade (mais perceptível durante o papado de João Paulo II, mas que já vinha se desenhando), ampliação do conceito de santidade e aproximação do papado das Américas.

Portanto, embora com características consideradas tradicionais para um candidato à santidade, a causa de Gonzáles e companheiros foi auxiliada por todo esse longo percurso de alterações na estrutura da Causa dos Santos e da própria escrita hagiográfica.

Referências Bibliográficas

BÍBLIA, Novo Testamento. Evangelho Segundo São Lucas. In: *BÍBLIA*. Sagrada Bíblia Católica. Tradução: Monges Beneditinos de Maredsous. 166 ed. São Paulo: Editora Ave Maria, 2006. p. 1349.

BLANCO, José María. *História Documentada de la vida y gloriosa muerte de los padres Roque González de Santa Cruz, Alonso Rodríguez y Juan del Castillo de la Compañía de Jesús, Mártires del Caaró e Yjuhí*. Buenos Aires: Sebastián de Amorrortu, 1929.

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína. *Usos e abusos da História Oral*. 8 ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006, p. 183-191.

BRUXEL, Arnaldo. *Padre Roque: A Epopéia da Libertação Guarani*. São Paulo: Ed. Loyola, 1977

CERTEAU, Michel. *A Escrita da história*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

CIBILS, Luís Alberto. *Pe. Carlos Teschauer SJ*. [2015?] Disponível em: <http://www.arl.org.br/content/index.php?link=academicos&sub=patronos&page=pe-carlos-teschauer-sj>. Acessado em: 14/10/20.

DOSSE, François. A biografia à prova da identidade narrativa. In: *Escritas do Tempo* v. 2, n. 4. Marabá: UNIFESSPA, 2020, p. 7-36.

DUARTE, Angel N. Acha, STORNI, Hugo, MELIÀ, Bartolomeu *et al.* *Padre Roque González: atualidade de um evangelizador*. São Paulo: Edições Loyola, 1978.

JAEGER, Luiz Gonzaga. *Os heróis do Caaró e Pirapó*. Porto Alegre: Livraria do Globo, 1940.

_____. *Os Três Mártires Rio-Grandenses*. Porto Alegre: Edições da Livraria Selbach, 1952.

LEITE, Luiz Osvaldo. Presença Jesuítica IHRGS. In: *Revista do Instituto Histórico e Geográfico do RS*, n. 148. Porto Alegre: IHGRGS, 2014, p. 167-183.

LEVI, Giovanni. Usos da Biografia. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína. *Usos e abusos da História Oral*. 8 ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006, p. 167-182.

McNASPY, Clemente J. *Un Conquistador sin espada*. “San Roque González de Santa Cruz”. Bogotá: Consejo Episcopal Latinoamericano – CELAM, 1989.

MASY, Rafael Carbonell. Roque González de Santa Cruz, S.J. A la luz de documentación inédita. In: *Pesquisas História*, N° 29. São Leopoldo: Instituto Anchietano de Pesquisas, 1994/1996.

_____. La Família de San Roque González de Santa Cruz, S.J. In: *Pesquisas História*, N° 30. São Leopoldo: Instituto Anchietano de Pesquisas, 1998.

MELIÀ, Bartolomeu. Missão por redução. In: *Estudos Leopoldenses*. Vol. 25, n. 110-111, 1989.

OLIVEIRA, Paulo Rogério. *O encontro entre os guarani e os jesuítas na Província do Paraguai e o glorioso martírio do venerável padre Roque Gonzáles nas terras de Ñezú*. (Tese de Doutorado). Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), 2010.

_____. O “martírio” e o processo de canonização do padre Roque González de Santa Cruz. In: *Revista Latino-Americana de História*, v. 3, n.º. 12. São Leopoldo: Unisinos, 2014, p. 117-133.

_____. A revelião de Ñezú contra os Hechiceros de Burla (Pirapó, Província Jesuítica do Uruguai, 1628). In: SANTOS, Júlio Ricardo Quevedo dos; VENTURINI, Sérgio. *Missões Jesuítico-Indígenas: antigos atores sociais, novas interpretações*. Santa Maria: Editora e Gráfica Curso Caxias, 2018, p. 21-55.

POPPINO, Rollie E. Obituary: Luis Gonzaga Jaeger, S.J. (1889-1963). In: *Hispanic American Historical Review* v. 45, n. 1. Durham: Duke University Press, 1965, p. 99-100. Disponível em: < <https://read.dukeupress.edu/hahr/article/45/1/99/158963>>. Acessado em 15/10/20.

RITI, Sacra Congregazione dei. *Bonaëren Beatificationis seu Declarationis Martyrii Servorum Dei Rochi Gonzalez de Santa Cruz, Alfonsi Rodriguez, Joannis del Castillo e Socityate Jesu*. Positio Super Introductione Causae. Roma: Ex Officc. Typogr. A. Macioce & Pisani, 1932.

TESCHAUER, Carlos. *Vida e Obras do venerável Roque Gonzales de Santa Cruz – Primeiro Apóstolo do Rio Grande do Sul*. 3 ed. Porto Alegre: Topographia do Centro, 1928.

_____. *História do Rio Grande do Sul dos dous Primeiros Séculos*. 1º Volume. Porto Alegre: Livraria Selbach, 1918.

_____. *O primeiro Apostolo do Rio Grande do Sul*. Petrópolis: Centro da Bôa Imprensa, 1919.

TORRES, Luiz Henrique. Carlos Teschauer e a historiografia rio-grandense. In: *BIBLOS*, 10. Rio Grande: FURG, 1998, p. 21-30.

Recebido: 03/02/2021

Aceito: 10/04/2021

Publicado: 24/05/2021

ⁱGraduado no curso de Licenciatura Plena em História pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), no período de 2014 a 2019, sendo bolsista de IC no Instituto Anchieta de Pesquisas (IAP) no mesmo tempo. O Trabalho de Conclusão de Curso foi centrado no estudo das populações Guarani do Vale do Rio dos Sinos, e a expansão jesuíta no litoral sul brasileiro entre 1609 e 1635. Mestrando no PPGH UNISINOS desde 2019, estudando a atuação do missionário jesuíta Roque Gonzáles de Santa Cruz. ID Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6063192735895936> ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5883>

ⁱⁱ O livro “Vida e Obras do venerável Roque Gonzales de Santa Cruz” foi lançado em 1909, porém uso elementos da 3ª edição, publicada em 1928.